

ATUALIDADES EM SALA DE AULA

COM CONTEUDO DE
CartaCapital



EDIÇÕES:
551/552/553/554

Carta na Escola

www.cartanaescola.com.br

SETEMBRO DE 2009



EDIÇÃO N° 39 - R\$ 6,90



BRIC

Os quatro emergentes

Brasil, Rússia, Índia e China
querem pesar mais na
balança mundial



GEOGRAFIA Ainda não fizemos
o básico em saneamento

HONDURAS O golpismo
latino-americano vai voltar?

Mudanças no poder global

GEOPOLÍTICA | A ascensão dos BRIC representa um rearranjo global?

POR EDILSON ADÃO. MESTRE EM CIÊNCIAS HUMANAS PELA USP, PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DAS FACULDADES ESAMC, E DE GEOPOLÍTICA EM CURSOS PRÉ-VESTIBULARES



GIANG NIU/CPREUTERS

notação essencialmente econômica, apresentando a ideia de integração dos mercados mundiais e de abertura. Depois virou sinônimo de integração nas mais variadas dimensões: informacional, cultural, social, política, etc. A intensa integração provocou um progressivo estreitamento entre as economias nacionais com imensa descentralização do processo produtivo e a mundialização do consumo.

Como muito daquilo que se passa em ciências humanas, não há consenso sobre quando se inicia tal processo. Não são poucos os estudiosos que repudiam este fenômeno como pertencente ao fim do século XX. Para eles, o processo inicia-se ainda no mercantilismo, quando o mundo deixa de se restringir à Europa e arredores para atravessar o Atlântico e incorporar a América ao processo produtivo daquela primeira fase do capitalismo comercial do século XVI. Nessa visão, globalização seria a nova roupagem do imperialismo.

Um inegável traço da globalização do fim do século XX é o acirramento das diferenças entre um Hemisfério Norte rico e um Sul pobre; segundo muitos estudos, o contraste das riquezas nunca foi tão evidente. Paradoxalmente, esses primeiros anos do novo século, trazem, contudo, um novo alinhamento geopolítico e, por que não dizer, esboça-se uma releitura da ordem vigente, uma espécie de “reglobalização”, porém, sem contemplar a redistribuição das riquezas.

Conforme abordado na matéria de *CartaCapital* republicada nas páginas anteriores, avizinha-se nova relação entre os ricos do Norte e alguns pobres do Sul, esses últimos constituindo um grupo específico: os BRIC e agregados, que se apresentam ao mundo reivindicando uma realocação de suas posições, não só no plano econômico, mas também político. BRIC é uma abreviatura criada com as iniciais das quatro grandes economias emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China.

REORQUESTRÇÃO MUNDIAL

Raymond Aron afirmou que o sistema internacional é elástico. Ele também é mutante. O conceito de ordem mundial discutida por alguns autores da ciência política, como Robert Cox e Emmanuel Wallerstein, permite recortar momentos temporais que pautam as relações entre Estados e estabelecem a regência da política internacional.

Sob essa ótica, é nítido notar que

O termo globalização lastreou o glossário das relações internacionais na última década do século XX e a primeira deste. A primeira vez que a expressão foi utilizada com o sentido atual – de interdependência dos lugares – foi em 1985, quando o economista britânico Theodore Levitt lançou o livro *The Globalization of the Markets*. Depois, converteu-se em palavra da moda. Inicialmente, a globalização impregnou-se de uma co-

Lançado pelo economista inglês Levitt, o termo “globalização” converteu-se em palavra da moda

Potências. Poder militar chinês e dos outros integrantes do grupo dos BRIC deixa o Brasil em patamar inferior de influência

saímos de uma era bipolarizada pelo confronto ideológico capitalismo vs. socialismo e adentramos à propalada multipolaridade econômica do pós-Guerra Fria. A tal “nova ordem” logo se mostrou nem tanto multipolar assim, com a nítida supremacia norte-americana, situação que se intensificou com o unilateralismo da era Bush Jr. e sua vontade de unipolarizar o sistema mundial, buscando uma supremacia econômica, política e militar norte-americana.

Simultaneamente à essa transição de ordens, a China emergia como realidade econômica mundial e mais séria candidata a se rivalizar com os Estados Unidos pela hegemonia; não já, mas em breve. Seguindo seus passos, a Índia conheceu igualmente espetacular crescimento econômico, em torno de 7% ao ano. Depois da caótica transição da planificação burocrática à economia de mercado, nos anos 1990, o renascimento russo traz alento à sua sociedade. Por fim, com a estabilidade econômica do Brasil dos últimos dez anos, o País ascendeu à condição de emergente privilegiado, complementada com a firme política externa conduzida por Celso Amorim e que, a despeito de algumas dissonâncias no meio acadêmico internacionalista e midiático, verbalizou de maneira mais efetiva a opinião brasileira diante das questões internacionais. Nosso país encaminhou um multilateralismo antes jamais visto, sem se afastar

de sua tradicional parceria com os Estados Unidos e a Europa. Em síntese, essa foi a rota dos quatro países que compõem o BRIC nos últimos vinte anos.

NASCE O BRIC

Foi Jim O’Neill, do Goldman Sachs, em 2001, quem teve a feliz ideia de definir esse grupo de países emergentes com a palatável expressão BRIC. O acrônimo pegou de forma impressionante. Baseado em dados estatísticos, o economista acredita que em 40 anos o grupo de quatro países deva superar o G-7, configurando nova composição de forças no poder global.

Contudo, os BRIC estão longe de formar um grupo homogêneo, e até o presente tal neologismo não passa de um conceito, pois não existe nenhum organismo for-

mal representativo dos mesmos. No plano estratégico, as diferenças acirram-se mais ainda, visto que Rússia e China são potências políticas e militares, ambas compõem o restrito Conselho de Segurança da ONU. A Índia, apesar de não se configurar como potência global é uma potência atômica: foi o sexto país do mundo a adquirir a bomba nuclear. Nesse *métier* estratégico, poder de fogo do Brasil é risível.

OS FÓRUMS DE PODER

Apesar da obsolescência de sua representatividade, o Conselho de Segurança da ONU segue sendo uma espécie de clube do poder mundial. Apenas cinco, entre os quinze Estados que o compõem, têm assento permanente e, mais que isso, o decisivo poder de veto. É sabido o interesse de alguns países em alterar essa instância, particularmente Brasil, Índia, Japão e Alemanha, que tentaram em vão uma reforma do Conselho. Esbarraram na lógica de que poder não se divide, se conquista.

Os principais organismos internacionais são dominadas pelos países do Hemisfério Norte. Dentre eles, parece ser a Organização Mundial do Comércio (OMC) o mais democrático e onde os países do Sul conseguiram, se não vitórias absolutas, pelo menos fazer frente aos ricos em alguns momentos, como foi o caso da formação do G-20, um grupo de vinte países “em desenvolvimento” que se uniu contra os subsídios agrícolas dos ricos, em Cancún.

O Brasil encaminhou um multilateralismo antes jamais visto, sem se afastar da tradicional parceria com os EUA e Europa

Pobreza. Os BRIC estão longe de resolver a questão social

Saiba Mais

Fontes sobre o tema

Livro

FONT. Joan N.; RUI. Joan V. *Geopolítica, Identidade e Globalização*. Editora Annablume: São Paulo, 2006.

Filme

Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá. Direção: Sílvio Tendler. Ano: 2007. Documentário que traz uma leitura crítica da globalização a partir de entrevista concedida por um dos mais importantes pensadores brasileiros.



PETER TURNLEY/CORBIS

É essa reconfiguração nos principais fóruns de poder mundial que, espera-se, seja alterada para que se possa falar em uma verdadeira remultipolarização. Caso ocorra, essa nova formatação do poder mundial será a médio prazo. A grave crise financeira de 2008 parece ter acelerado uma transição que, de fato, demonstra estar em curso. Afinal, esta crise foi o maior abalo na economia mundial, desde 1929. Mas, o que temos no Sistema Internacional, por enquanto, é uma nítida hegemonia daqueles países que se tornaram potência ainda no imperialismo. O *status quo* da arena internacional, em que pese novas tendências, segue sendo pautado nas resoluções tomadas em Bretton Woods, em 1944.

Sendo assim, o que temos em relação aos BRIC e demais emergentes são projeções e há de se tomar cuidados de onde parte o discurso, pois não há consenso entre os estudiosos. Para citar dois exemplos: Jim O'Neill, acredita que já em 2020, ou seja em pouco mais de dez anos, os BRIC alcancem o G-7 em termos de PIB. Por outro lado, o economista britânico John Bowler coloca sob suspeita tal ascensão à esfera do poder mundial, induzindo a pensar que a crise financeira também atingiu os BRIC, com exceção da China. Aos demais cabe muito bem ainda a expressão "emergente". Se haverá, de fato, a emergência, faz-se necessário aguardar.

Outra questão: parece que quando se fala em nova inserção dos emergentes no

Em Sala

Guia de atividades didáticas

Competência

Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder

tabuleiro do xadrez geopolítico mundial, esquece-se da questão social. Esses países, em vinte ou trinta anos, encostarão nos países ricos quanto à equivalência do padrão de vida? A resposta é claríssima: não! Destarte a importância do PIB, o que vale mesmo é a renda per capita. Todos os países emergentes e mesmo os BRIC (a exceção seria a Argentina) encontram-se em posição bastante desconfortável quanto ao ranking do IDH, que é o que importa quando o assunto é melhoria social.

RUMO A UMA ORDEM CAÓTICA

A organização política do mundo e a forma de relações entre Estados (e mesmo organismos) devem obedecer a alguns

Glossário Mergulhe com seus alunos na nova nomenclatura da época atual

Para tratar esse assunto com os alunos, um bom caminho é elaborar uma espécie de "glossário" da globalização e do mundo contemporâneo para desmistificar termos que possam lhes aparecer obscuros. Portanto, discuta com os alunos expressões como:

- BRIC
- Países emergentes
- Baleias econômicas
- Global trader
- Países centrais
- Países da periferia

A condução desse trabalho pode ser com uma coletânea de jornais e revistas que tratem do assunto.

princípios básicos: segurança, equilíbrio de poder e formas de cooperação e convivência. Esses pilares proporcionam certa estabilidade no sistema mundial, desde que não haja total supremacia de um Estado perante os demais.

São muitas as visões de "ordem internacional" e um único consenso: encerrou-se uma ordem entre 1989 e 1991, respectivamente anos da queda do Muro de Berlim e do fim da União Soviética. De lá para cá, as coisas não estão muito claras. Se a bipolaridade ideológica da Guerra Fria era assustadora e perigosa, a que surgiu após ela é menos ameaçadora, porém muito mais complicada. Não há consenso sobre qual tipo de ordem vivemos, mas ela parece bastante caótica. Pode, inclusive, como sustenta a matéria anterior, dar vazão a países que nunca foram potências. Há ao redor do mundo um sem-número de conflitos mal resolvidos prestes a serem retomados. Canta-se, como tantas outras vezes, o declínio do império americano, mas o que se vê é a manutenção da hegemonia norte-americana com uma economia que é três vezes maior que a segunda. E a ex-superpotência soviética, agora russa, detém ainda poder de fogo para uma destruição implacável.

O que parece definitivo é a ascensão da China à condição de superpotência. É preocupante ver os Estados Unidos chamarem a potência asiática para uma conversa a sós, numa espécie de G-2, ignorando o resto do mundo, como se deu em julho de 2009. Porém, seria demasiado simplista designar tal remontagem da ordem global como nova bipolaridade. O mundo tornou-se deveras complexo para aceitar tal simplificação. O caos contemporâneo não permitirá. ●



Ainda longe. O peso econômico dos BRIC também se torna modesto quando o critério é a localização das matrizes dos maiores conglomerados econômicos do mundo